sul, à revelação de novas estrêlas, à certeza de se poderem atingir os antípodas e de serem êstes habitados, conforme supunham já os autores clássicos (págs. 19-20). Tocamos, aqui, num ponto de alto interêsse para a própria história do Brasil, porquanto os povos antípodas foram depois identificados com os indígenas brasileiros, tidos como vivendo "no mesmo estado de inocência que caracterizara Adão e Eva no Paraíso". Germina daí a crença no "bom selvagem", em associação com a da existência do Paraíso Terrestre, localizado em regiões austrais; estas, por sua vez, no século XVI, apresentavam-se de forma bem confusa à mente européia, tanto assim que, na França, provàvelmente talvez não se fizesse distinção entre África do Sul e Brasil. Ambos confundiam-se com os antípodas do mundo austral (pág. 160).

Opondo-se ao "bom selvagem", desenvolveu-se também a idéia do "mau selvagem", inspirada nos negros africanos, em geral, e nos hotentotes, em particular. Mais uma vez impõe-se o entrosamento com o patrimônio de tradições legadas por outros povos ao Ocidente cristão, pois "as observações malévolas concernentes ao negro africano ligam-se, tanto às tradições clássicas e orientais, quanto à experiência direta dos portuguêses". De tôdas as regiões africanas então visitadas pelos lusos na África austral, o Monomotapa foi, sem dúvida, a mais interessante. Êste reino, também chamado Benemetapa, ou Benemetaxa, tomou o lugar do reino do Prestes João no mundo imaginário europeu, especialmente após a publicação da **Cosmographie Universelle,** de Thévet, em 1575. Foi então que "a lenda do Prestes João tornou-se um mito do tipo Monomotapa dos séculos XVI e XVII: um reino exótico, fabulosamente rico, nas terras desconhecidas do interior da África" (pág. 91). Como freqüentemente sucede, a realidade era bem diferente, e quando a lenda do Monomotapa, no século XVII, atingiu proporções fantásticas, o Império africano resvalava para os últimos estágios de uma completa decadência. Caberia ao século XIX iniciar as críticas das tradições, pondo as coisas em seus devidos têrmos.

Acentuemos que apenas destacamos alguns dos tópicos tratados pelo Autor. Sua monografia é muito bem informada, valendo por um verdadeiro manual dos conhecimentos da Europa acêrca da África meridional durante o século XVI.

PEDRO MOACYR CAMPOS

* *
*

FALCÃO (Edgard de Cerqueira). — (sob a direção). — **Brasiliensia Documenta.**

Recentemente acabaram de sair do prelo em São Paulo os dois primeiros volumes de uma nova série, intitulada **Brasiliensia Documenta,** que por motivos vários merecem a atenção não sòmente do público culto em geral, mas especialmente de historiadores, naturalistas e bibliófilos.

A série, que é da responsabilidade do conhecido homem de letras e destacado médico Dr. Edgard de Cerqueira Falcão, sob cuja orientação foi organizada, destaca-se de iniciativas congêneres pelo fato de não limitar-se a oferecer em tradução obras fundamentais para melhor conhecer-se o Brasil, publicadas em outros países, reproduzindo, pelo contrário, também na íntegra os textos originais alemães que serviram de base àquelas, a formarem edições bilíngües muito valiosas, pela primeira vez lançadas no Brasil. Não conhecemos nenhuma outra obra estrangeira referente a nosso país, aqui publicada, apresentando além da tradução portuguêsa também o texto original. Poderia-se objetivar que a Academia Brasileira de Letras lançou em 1936 a obra de José Caeiro **Jesuítas do Brasil e da Índia,** reproduzindo além do original latino também a versão vernácula. Penso, no entanto, não ser lícito considerar livro sôbre o Brasil de autor português do século XVIII como obra estrangeira.

Como primeiro volume para a série **Brasiliensia Documenta** foi escolhido pelo seu esforçado e competente orientador o relato de Johann Gregor Aldenburgk, **West-Indianische ReiBe vnd Beschreibung der Belagvnd Eroberung der Statt S. Salvador in der Bahie von Todos os Sanctos inn dem Lande von Brasilia** ou **Relação da Conquista e Perda da Cidade do Salvador pelos Holandeses em 1624-1625,** impresso em Coburgo no ano de 1627. O período das lutas contra os holandeses no longínqüo século XVII é recordado por diversas obras que se tornaram clássicas no assunto. A quase totalidade delas no entanto narra acontecimentos desenrolados após 1630 em Pernambuco e regiões vizinhas, sendo que o episódio da ocupação holandesa da então sede administrativa da possessão lusitana na América do Sul era conhecido essencialmente por fontes contemporâneas luso-brasileiras. Graças ao notável empreendimento editorial realizado pelo Dr. Edgard de Cerqueira Falcão os estudiosos podem recorrer agora também a um relato minucioso de testemunha ocular do lado oposto, obra quase completamente desconhecida entre nós, pois só estava ao alcance dos interessados, desde 1938, em tradução parcial e resumida, devida ao monge beneditino e grande pesquisador Dom Clemente Maria da Silva-Nigra.

Sôbre o valor e a significação da presente edição torna-se supérfluo insistir. Reune a mesma, além do relato do estudante alemão engajado na tropa batava que assaltou e conquistou a Bahia de Todos os Santos no ano de 1624, a relação oficial holandesa e bem assim a descrição do aprisionamento da frota de prata espanhola pelo almirante neerlandês Pieter Heyn, na Baía de Matanzas, Ilha de Cuba, em 1628, elementos êsses constantes da vigésima primeira parte da famosa coleção seiscentista Hulsius, impressa em Francforte sôbre o Meno, na Alemanha, em 1629. Tanto a edição **princeps** do livro de Aldenburgk como a relação oficial holandesa e a descrição do feito de Pieter Heyn são apresentados em **fac-símile.** Foi aproveitada a versão parcialmente feita pelo ilustre e saudoso historiador brasileiro Alfredo de Carvalho, refundida e completada por Agripino Martins. Antecedem os textos alemães elucidativa nota preli-

minar e dados bio-bibliográficos de Aldenburgk e Alfredo de Carvalho, traçados com exatidão por Edgard de Cerqueira Falcão, que redigiu, outrossim, 173 notas e comentários, apensos no fim do volume.

O segundo volume da série **Brasiliensia Documenta** foi lançado conjuntamente com o primeiro e como êste também impresso na **Revista dos Tribunais,** que realizou trabalho verdadeiramente notável. Relaciona-se êste volume ainda com o período do domínio holandês no Brasil. Referimo-nos à versão portuguêsa dos comentários científicos da lavra de Martin Heinrich Karl Lichtenstein, célebre diretor do Museu Zoológico da Universidade de Berlim, na primeira metade do século passado, acêrca dos trabalhos de Marcgrave (Markgraf) e Piso, naturalistas integrantes da comitiva do conde Maurício de Nassau, os quais tiveram ensejo de estudar os animais brasileiros em seu **habitat** natural e os descreveram com o rigor científico necessário. Os comentários de Lichtenstein foram publicados nas famosas **Abhandlungen der Königlichen Akademie der Wissenschaften** no lapso de tempo de um decênio (1818-1828) sob o título: **Die Werke von Marcgrave und Piso über die Naturgeschichte Brasiliens, erläutert aus den wieder aufgefundenen Originalzeichnungen** ou **Estudo crítico dos Trabalhos de Marcgrave e Piso sôbre a História Natural do Brasil à luz dos desenhos originais.** Êstes comentários constituem preciosa revisão científica, baseados nos desenhos originais de Markgraf, reencontrados na Biblioteca Real da capital prussiana, após lamentável desconhecimento que durou duzentos anos. Os desenhos à óleo, em grande formato, foram elaborados por ocasião do govêrno de Nassau no nordeste do Brasil (1637-1644) e oferecidos pelo antigo **Statthalter** da Nova Holanda ao seu soberano e amigo o Grande Eleitor Frederico Guilherme de Brandenburgo, que incumbiu o Dr. Christian Mentzel (1622-1701), seu médico do paço, de ordená-los. Mentzel enfeixou os desenhos de Markgraf em quatro volumes sob o título **Thesaurus Rerum Naturalium Brasiliae,** coleção naturalista que permaneceu inédita.

Ao terminar a segunda grande conflagração mundial desapareceu misteriosamente êsse valioso documentário e ignora-se, por completo, o seu paradeiro. Vários estudiosos, entretanto, chegaram a aproveitar-se dos ensinamentos do material de Markgraf, retificando incorreições existentes nas edições originais da sua e da obra de Piso, sendo Lichtenstein o primeiro a lançar mão de tal recurso, erigindo um verdadeiro monumento de saber. Entre os que consultaram os desenhos de Markgraf, tirando dêles ensinamentos valiosos, acha-se o grande Martius, que mandou até copiar aquêles referentes à botânica, restando pois a esperança de ainda serem encontradas tais cópias coloridas ou no arquivo da família do imortal botânico ou em algum museu ou arquivo da capital bávara. Coube ao eminente zoólogo patrício Dr. Olivério Pinto a oportunidade de trasladar para o idioma vernáculo o texto das **Abhandlungen,** que antecipou-o de acurado esbôço bio-bibliográfico de Lichtenstein, encerrando o volume com 217 notas e comentários. Permitimo-nos

acrescentar às notas biográficas de Lichtenstein um detalhe. O jovem médico alemão, ao iniciar a sua carreira de cientista, viajou pela África, procedendo, entre outros, a estudos e pesquisas comparativas das línguas e religiões dos nativos, que decênios depois, foram aproveitados por especialistas portuguêses e brasileiros, revelando-se de valor para o estudo do elemento africano no Brasil. O texto alemão original, que serviu de base à tradução devida ao Dr. Olivério Pinto, acha-se igualmente reproduzida na íntegra, no segundo volume da série **Brasiliensia Documenta,** em fiel e esplêndida composição facsimilar, que tem um alcance excepcional e um valor único devido à circunstância de não possuir atualmente nenhuma bibliografia ou instituição científica todos os fascículos correspondentes aos comentários de Lichtenstein, reunindo ainda a presente edição, pela primeira vez, o original alemão em forma de livro.

Luís da Câmara Cascudo, em publicação recente, de 1956, que traz o título **Geografia do Brasil Holandês,** tece os seguintes comentárfios em relação à obra de Markgraf. "A admirável 'Historia naturalis Brasiliae' de Marcgrave e Piso foi expressão suprema. Entre os portuguêses não apareceu um Georg Marcgrave, alemão de Liebstadt, desenhista, viajante, geógrafo, historiador, naturalista, astrônomo". "O excepcional Marcgrave ficou cento e cinqüenta anos esperando pela revalorização que lhe daria o professor Lichtenstein". "Os desenhos e a carta de Marcgrave são orgulhos legítimos da cartografia seiscentista. Não há melhor nem se consegue sonhar uma vitória sôbre êsse trabalho nítido e maravilhoso de cuidado e de amorosa minúcia localista". E o conceito do Barão do Rio Branco, citado por Câmara Cascudo, referente à obra cartográfica de Markgraf é extensível também aos seus desenhos zoológicos e botânicos: "Triste é dizê-lo: ainda hoje, quem quer estudar a zona marítima desde o Rio Grande do Norte até Sergipe, encontra no mapa do ilustre Marcgrave valiosas indicações geográficas, que debalde procuraria nas cartas brasileiras, mesmo nas mais recentes, tôdas levantadas em escala muito menor".

HELMUT ANDRÄ

* *
*

HOLANDA (Sérgio Buarque de). (sob a direção) — **História Geral da Civilização Brasileira.** 2.º volume do I tomo. "A época colonial". **Administração, Economia, Sociedade.** Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1960.

Com o lançamento do volumoso segundo tomo desta obra, ratificamos e excedemos mesmo a magnífica impressão que nos ficara da leitura do primeiro (1).

Não se tratando, como realmente não podia tratar-se de um trabalho de erudição, pois o seu objeto é um grande e heterogêneo pú-

(1). — **Sôbre o I volume desta obra, vide a nossa resenha na Revista de História, n.º 45, pp. 269-273.**